

ENTREVISTA COM A ARTISTA CLAUDIA PAIM

Flaviana Benjamin¹

Para Claudia Paim

In memoriam

¹ Doutoranda (IA/UNICAMP). Mestre pela Escola de Comunicação e Artes (USP), pelo Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas na área de Teoria e Prática do Teatro. Graduada em Artes Cênicas com ênfase em direção teatral pela Universidade Federal de Ouro Preto. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5658710529721091> . ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3717-1658> . E-mail: flabenjamin@gmail.com .

Entrevista realizada em 04 de dezembro de 2017, no apartamento de Jana, filha de Claudia Paim, localizado na Alameda Barão de Limeira, no centro de São Paulo. Na ocasião, Claudia, estava em São Paulo. Assim, recorro a ela, depois de me encantar com a performance que ela havia realizado no Perfor 5 [Quando?], que ocorreu no ano de 2014 no antigo Paço das Artes em São Paulo. Claudia Paim foi uma artista e professora brasileira. Atuou como docente no curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado – Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande-RS. Realizou trabalhos significativos no campo da arte que atravessam debates acerca de novos contextos e, com isso, se tornam atemporais.

A performance intitulada "Uma pessoa civilizada"², a colocava frente aos espectadores para falar de situações em que ela havia mentido. Palavras escritas em seu corpo eram apagadas com cuspe e esfregão das mãos a cada conto. Uma ação de cortar, com uma tesoura, seu vestido, expunha sua nudez, seguida de um longo descarrego urinário para completar a ação. Assim, ela apagava palavras escritas em seu corpo, cortava pedaços de seu cabelo, até ficar sem nenhum fio, e por fim, cortou seu vestido e urinou no espaço institucional.

A performance apresentada, compunham a programação do evento e segundo as informações contidas em seu site, a ação derivou das relações interpessoais a partir dos atravessamentos do corpo feminino (o dela). Livre inspiração e ancorada na historiografia da performance a partir de Faith Wilding na obra *Waiting*³ (1971), que narrou na performance diversas situações de espera a partir da perspectiva de gênero.

FB: Como surgiu a ideia para a performance "Uma pessoa civilizada"? Uma ação que faz uso de urina como elemento performático.

Claudia Paim: Essa questão com a urina eu já tinha usado outra vez. Eu fiquei pensando muito em como é urinar na frente das pessoas. Não é algo simples, mas

² A performance pode ser encontrada em vídeo no site da artista e também no link : <https://vimeo.com/121521694>.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=77Ei1JSxLu0>. Acesso em 3 de maio de 2023.

complicado. O homem tem um território, geralmente ele urina em qualquer lugar, como uma questão cultural. Eu pensei na urina como corpo que excreta coisa, uma analogia ao segredo, secreto e a secreção. Foi assim que surgiu a ideia da urina: o segredo, o secreto e a secreção. Um desencadeamento para pensar a urina como elemento da performance.

FB: Você também fez uso da urina no ano de 2007, na performance "Carta"?

CP: Sim. Mas tinha a questão da relação familiar na performance "Carta". Na performance "uma pessoa civilizada" eu elaborei por anos. Deixei por três anos meu cabelo crescer. Assim que a concebi, comecei a deixar meu cabelo crescer. E assim, coincidiu de ser no Perfor 5. Eu fui construindo com o tempo. São coisas que falamos "meio sem pensar" para tornar a vida possível/vivível uns com os outros. Assim: "oi, tudo bem? - tudo bem". Às vezes não está, mas não dizemos à toda hora. São mentiras que fazem possível a vida. São mentiras ou omissões. De certa forma são máscaras.

FB: E você tinha pensado nas relações de gênero quando construiu a performance?

CP: O que pensei foi em meu corpo - que é um corpo de mulher. Eu tenho alguns trabalhos mais alinhados às questões de gênero, feminismo, mas outros estão em outras esferas. Na performance "uma pessoa civilizada", o corpo é preenchido socialmente pelos discursos, sou enquadrada. E nesse sentido, meu corpo é lido como feminino. Por exemplo, tem mentiras ali que digo que são do meu cotidiano e outras não. Estão na composição entre o biográfico e o ficcional. Acho que estão mais para a autoficção.

FB: A materialização da performance como se deu?

CP: Eu pedi para fazer aquele vestido. Queria uma coisa, a princípio, neutra. Não queria trabalhar com a nudez logo de cara. Procurei o tecido. Precisava também de pele. Corpo e tecido, nesse sentido, estão muito juntos. Tem muita coisa que se desdobrou com a performance. Um tecido que pode ser pensado também como tecido social.



Imagem I: Foto: Antonio Juárez

FB: Você tinha planejado urinar no final da performance?

CP: Sim, eu fiquei segurando durante a ação, pois sabia que no fim faria isso. Eu deixei a performance acontecer, porém não tinha avisado ninguém da coordenação. O que provocou uma correria da organização nesse momento da ação. Mas havia muitos indícios de excreção. Usei saliva desde o início. Cabelo, saliva e depois urinar. Para mim a performance é mutante, por isso, se eu falasse antes que iria urinar, poderia gerar outra coisa. Desde o início da elaboração da performance anotei as coisas. Comecei a regular, com as mãos, dentro do ônibus em Porto Alegre, quanto de cabelo

precisava pegar para a quantidade de frases da performance. Tomei cuidado para não faltar e ter as mechas até o fim da ação. Tem muito a relação com o tempo, pois não poderia cortar as mechas de cabelo tão rápido. O que era esse tempo? O tempo das pessoas também. Quando eu performo fico em outro estado. Sou outra, meu corpo também. As borboletas se acalmam no estômago. (risos).

FB: A nudez, naquela ação, revelou para o espectador o processo que você viveu na luta contra o câncer de mama.

CP: Eu acho que é um trabalho que entra nas pessoas. Muitas pessoas já disseram para eu reconstruir o mamilo e para mim é uma cicatriz. Revela um corpo que se mostra. É um corpo possível, que não se esconde.

FB: Muitas mulheres não conseguem revelar isso corporalmente.

CP: Sim, isso eu entendo. Sei que isso mexe com quem está e quem não está nesse processo. E isso revela a questão do segredo como trabalhei na ação "Uma pessoa civilizada".

Na performance que realizei, *Cartas* (2007)⁴, quando reli, fiquei impressionada, pois era um texto que não se esgota. É atemporal. Chamo de pulsão de morte, pois pode nos destruir. Kafka escreve ao pai sobre condicionamentos. Tem coisas que podem mutilar e acabar com o outro. Ele escreve, e não consegue entregar, assim, pede à mãe que o faça. Assim, na performance, eu reescrevo a carta flexionando o gênero. No início eu pensei: vou ler a carta. Invés de ser um pai é uma mãe. Era uma ação que pensei muito em ler. Usei uma camiseta, me sentei em uma cadeira, mergulhei o pé - que estava amarrado - em uma bacia enquanto urinava durante a ação.

⁴ A documentação dessa ação está disponível no site da artista. Pode ser acessada diretamente no link: <https://www.claudiapaim.site/carta>.



Foto: Clarisse Tarran

FB: Suas performances mostram muito um corpo abjeto. Quando "descobrirem" suas performances você ficará sobrecarregada (risos).

CP: [risos] Sim é isso, são reflexos dos condicionamentos sociais do corpo que levam essas ações para um campo marginal.

FB: Você pode comentar um pouco da sua performance "Possibilidades" (2011)?

CP: Eu espalhei uma quantidade de ovos pelo espaço. Eram a quantidade de óvulos que tive ao longo da minha vida. Comecei menstruar com 13 anos e terminei com 49 anos. O que eu fiz. contei a quantidade de óvulos que tive. Foram 36 anos menstruando em 12 meses de cada ano. Coloquei nome próprio em cada ovo representado na ação.

Em uma bacia grande colocava os ovos. Eu quebrava os ovos que "não tinham dado certo". Na ação, eu olho o ovo e o nome escrito nele e quebro. Ao longo da performance vou limpando as mãos, o rosto e o cabelo. A força do ovo quebra a casca. Não me preocupo muito em repetir a ação. Performo ou porque alguém me pede algo específico ou porque existe algo que não resolvi bem.

FB: Tanto a performance "Possibilidades" e "Carta" você reperformou?

CP: Sim, mas foi a pedido. Na performance "Eles não foram felizes para sempre"(2011), modifiquei por conta do espaço. Quando fiz na galeria era uma coisa, mas na rua, por conta do festival, foi outra coisa. As pessoas, na ocasião, estavam discutindo tanto as relações de gênero e política que na rua a performance se transformou.

FB: Você tem tensionado há muito tempo as relações concernentes às políticas de mulheres. Como é atrelar seu trabalho a essas questões?

CP: Tem coisas que vão e voltam para mim. Por exemplo, tenho um caderno que anoto coisas. Roberta Barros fala sobre a questão da performance atrelada à política de mulheres. Por exemplo, uma pessoa escreveu sobre meu trabalho em uma pesquisa, mas era sobre registro em performance. A performance quando registrada ou vista, permite isso. Tem uma coisa que é pessoal.

Na performance "Cartas", tem algo muito pessoal ali. Ler as cartas é algo muito intenso. Quando lida em um local claustrofóbico o limite do corpo bate muito.

FB: Você trabalha com a costura autoficcional.

CP: "Uma pessoa civilizada" era para pensar como viver juntos. Eu gosto de trabalhar com o autoficcional. Um fato me levou a fazer essa performance. Conheci uma pessoa e ela gostava muito de falar. Se afirmava dizendo: " eu falo mesmo". Independente dela dizer a verdade ou não, soava como um grande mérito. Assim, criei essa ação pensando também na força da palavra.

FB: Muito obrigada, Cláudia, pela troca. Sua arte me bagunça. Eu acho que existe um esforço necessário no campo do teatro e performance que busque olhar para o trabalho de mulheres, é um esforço necessário.

CP: Sim, agradeço a conversa. Existe sim uma necessidade nesse sentido e também de se pensar a América Latina como campo de experimentação da performance.

REFERÊNCIA

BARROS, Roberta. **Elogio ao toque - Ou como Falar ce Arte Feminista a Brasileira**. Rio de Janeiro: Elogio ao Toque, 2016.

Recebido em: 13/06/2023

Aceito em: 19/10/2023